

Memórias, vivências, alegoria: as ruínas do Centro Histórico de João Pessoa, Paraíba

Anna Maria de Lira Pontes *

Resumo

Uma alegoria do passado, mas nem sempre presente. À luz da valorização dos espaços de memórias e da correlação existente entre a formação e desenvolvimento das cidades com seu passado, torna-se necessário um estudo mais aprofundado sobre as ruínas: suas implicações, necessidades e, principalmente, sua inserção no contexto da cidade. Um tipo peculiar de patrimônio, as ruínas existem enquanto representação do que o monumento uma vez foi com uma carga adicional de simbolismos do momento presente. Elas são, assim, elementos ativos na formação e vivência das cidades por fazerem emergir tantos sentimentos em torno de si e os transmitirem no cotidiano por vezes unicamente devido a sua presença em meio às demais edificações. Por isso, tal estudo de pós-graduação vem a refletir sobre o conceito de ruína a partir de propostas de Walter Benjamin e Cesare Brandi em conjunto com a análise do papel e da presença das ruínas existentes no Centro Histórico de João Pessoa, Paraíba, na vivência e delinear da cidade. Através desta discussão, busca-se encontrar uma correlação entre a permanência e a valorização daquilo que é tido como “abandonado” e/ ou “morto” em meio à sociedade. O que nos faz pensar que as ruínas, de fato, estão mais vivas do que aparentam. Palavras-chave: Ruínas; Patrimônio Histórico-Cultural, Centro Histórico de João Pessoa.

Abstract

A representation of the past, but not always in the present. Through the knowledge of valuation of the spaces of memories and the existing correlation between the formation and development of the cities with its past, a deepened study becomes more necessary on the ruins: its implications, necessities and, mainly, its insertion in the context of the city. A peculiar type of patrimony, the ruins exists as a representation of what the monument once was with an additional load of symbolisms of the present time. They are, thus, active elements in the formation and experience of the cities as they emerge a great sort of feelings around itself and to transmit them just because of its presence between other constructions. Therefore, this study of post-graduation intends to reflect on the concept of ruin from the proposals of Walter Benjamin and Cesare Brandi in set with the analysis of the roll and the presence of the ruins in the Historical Center of João Pessoa, Paraíba, in the experience and life of the city. Through this discussion, we search to find a correlation between the permanence and the valuation of what it is had as “abandoned” and/or “died” to the society. What makes us think that the ruins, in fact, are more alive then they may look like.

Key-words: Ruins; Historical and Cultural Patrimony; Historical Center of João Pessoa.

Patrimônio histórico-cultural é um termo antes de tudo amplo. Entre o preservar e o esquecer, o patrimônio histórico-cultural define-se enquanto o conjunto de elementos simbólicos e referentes a memórias coletivas e/ ou individuais aos quais as sociedades possuem algum tipo de representatividade atribuída ou inventada para com os mesmos. Para

* Licenciada em História pela Universidade Federal da Paraíba; Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Paraíba com apoio financeiro CAPES.

além do material, esta representação é o que faz um determinado bem intitular-se patrimônio histórico-cultural, até porque para a indicação enquanto tal é preciso algum tipo de relação de pertença para com o mesmo.

A preservação do patrimônio em meio ao espaço urbano permite às populações a visualização da cidade através de sua composição histórica, via passado, em direção ao futuro – do que a cidade pretende ser e transmitir. Neste, emerge-se não apenas a intenção e contexto de cada período histórico, mas a exposição de valores e de temporalidades diferenciadas situadas, teoricamente, num contexto de harmonia com o restante do espaço.

Em relação aos monumentos edificados, o espaço urbano se utiliza da memória para se delinear, culminando na preservação de certos monumentos e na disposição da herança ao invés do próprio planejamento total da cidade (Argan, 1998: 226). Na busca da formação de identidades sociais para uma comunidade, assim como a própria idéia de grupo e comunidade, os monumentos são importantes meios simbólicos e seus estudos não podem ser deixados de lado ao se pensar a cultura histórica de um determinado lugar. Ao referirem-se às ruínas, estes instrumentos simbólicos alcançam um contexto ainda mais amplo em relação à dominação cultural e apelo social e memorial, pois diversas interpretações e temporalidades podem ser transmitidas por estas, assim como serem utilizadas para variados fins.

O conceito de ruínas é algo bem mais complexo do que, a primeira vista, pode parecer. Enquanto um tipo particular de patrimônio, assim, as ruínas exercem sua função simbólica e representativa em meio à sociedade ao qual pertence e por isso busca-se aqui o maior entendimento acerca de sua preservação e influência social para com a cidade a partir das conceituações de Walter Benjamin e Cesare Brandi¹ e através das ruínas existentes no Centro Histórico da Cidade de João Pessoa-PB, recentemente tombado enquanto patrimônio nacional.

Para Benjamin, a ruína apresenta-se enquanto alegoria, sendo esta um espaço fragmentado e suscetível a variadas interpretações, com resquícios - partes - que rememoram

¹ Há outros teóricos que trabalham a conceituação de ruínas. Dentre estes, temos aqueles que trabalham o contexto de restauração das ruínas, como Viollet-le-duc, Burckhardt, Chateaubriand, Byron, Ruskin e Santos. Em relação à restauração, um nome que não pode deixar de ser citado é Viollet-le-duc, que pregava a restauração segundo sua interpretação do que era ideal para a época, portanto, as ruínas para o mesmo não teriam espaço além de sua reformulação baseada em sua época. Dois teóricos que são contraditórios em relação a posição para com as ruínas são Chateaubriand e Byron. Para o primeiro, as ruínas de monumentos religiosos são sagradas enquanto as decorrentes da mão humana são degradantes e são os lugares que atribuem valor à ruína. Já para Byron, “É a arte, não os lugares que dão às ruínas a poeticidade...” (Matos, 2007: 76). John Ruskin prioriza o aspecto histórico ao considerar a restauração uma ação que falsifica o monumento e sua destruição por si própria é a melhor atitude a ser tomada. Ainda, temos teóricos como Burckhardt, que almeja a reconstituição total do monumento (Matos, 2007: 77). Uma outra proposta interessante para conceituar a ruína é a discussão que Santos sobre a “poética contemporânea de ruína”, no qual este espaço envolveria a ação do tempo e a sua degradação num contexto de ruína (Santos, 2006: 8-9).

o que a mesma um dia foi. E por isso, Paraizo (2006) coloca, baseada em Benjamim, que: “Se a ruína, como a alegoria, é algo que sobra de um suposto conjunto maior que desapareceu, é também uma tensão entre o efêmero e o eterno, sempre lembrando que o todo, do qual pretensamente é parte, não se pode reconstruir” (Paraizo, 2006: 03).

É, então, o aspecto incompleto e fragmentado da ruína que a define. E por motivo deste, a mesma pode contar com diversas leituras, uma vez que aquilo que falta pode ser imaginado, bem como sua trajetória até a composição enquanto ruína. Além disto, nos faz pensar sobre a própria fragilidade da vida, da memória, a precedência da morte, junto com a contraditória sobrevivência do bem – que mesmo em aspecto fragilizado, permanece e conota por si própria a necessidade de preservação ante a iminência da destruição, ante a morte.

Cesare Brandi trata das ruínas em conjunto com seus estudos sobre restauração. Segundo o mesmo, as ruínas também são vistas como uma representação do passado que não existe mais, em que “Ruína será, pois, tudo aquilo que é testemunho da história humana, mas com um aspecto bastante diverso e quase irreconhecível em relação àquele de que se revestia antes” (Brandi, 2004: 65).

Segundo este teórico, a ruína é um testemunho do tempo humano e se constitui enquanto resquícios e o testemunho mutilado do monumento e que intrinsecamente conota ações de conservação que, por sua vez, envolva nada mais que consolidação e conservação do contexto do monumento (Brandi, 2004: 65-77). Afinal, a “... restauração, para representar uma operação legítima, não deverá presumir nem o tempo como reversível, nem a abolição da história” (Brandi, 2004: 61). O tempo entre a construção da obra e seu presente deve ser respeitado, deste modo, já que é este que a define.

Analisando a ruína tanto pela instância histórica como pela estética, Brandi ressalta a importância histórica da ruína, pelo próprio trajeto temporal que a mesma realizou e por isso a necessidade de valorização de tal aspecto nas ações de conservação; mas, que de qualquer modo, a ruína também apresenta valor estético por ser um elemento caracterizador de seu espaço – tanto que isto faz com que a mesma torne-se válida e completa em seu estado atual (Brandi, 2004, p. 82).

A pós-modernidade vê as ruínas com olhos semelhantes ao de Benjamin e Brandi, em seu aspecto fragmentado. Como afirma Jeudy (1990), a exposição do que é morto para a sociedade também é essencial para o imaginário humano. Assim, a ruína, o outro lado da vida, é um importante aspecto para a construção da memória (Jeudy, 1990: 2-3), já que lembra-nos da rapidez e fragilidade da vida, tornando-se, conseqüentemente, um fator ativo na formação da cidade.

O debate sobre ruínas em si ainda é recente. No século XIX que temos maiores debates em relação às ruínas e seu entorno. Com a contemporaneidade e a emergência cada vez maior do patrimônio histórico-cultural, as mesmas também ganham notoriedade não apenas nestas discussões, como também para o público em geral, que se interessa por ruínas como o Pathernon e Pompéia – assuntos de extensos e rentáveis documentários e outras formas de exposição midiática, além do apelo turístico e da representatividade por reconhecimento e preservação, como foi o caso das ruínas de São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul e sua ascensão enquanto Patrimônio da Humanidade pela UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*).

A visão do que seria ruína mudou bastante no Ocidente. O que antes era signo de resquícios de culturas passadas – e, por isso, uma arma ideológica para estados modernos –, ganhou maiores implicações e visões, aliado a uma maior discussão sobre seu conceito e, principalmente, sua restauração. Um dos fatores que contribuíram para tal foi o surgimento de ruínas a partir da Segunda Guerra Mundial em antigas áreas de conflito, segundo Desrochers (2000: 39). Ruínas estas produzidas pelo tempo moderno e que se tornaram espaços visitáveis e/ ou simbólicos, adicionando assim novas alusões ao conceito de ruína e a que o mesmo se propõe, além de torná-las mais comuns a partir de uma maior vivência com as mesmas.

Segundo Matos (2007), ao se adentrar na contemporaneidade, a ruína torna-se algo mais afastado e solitário. Algo ainda mais intocado. O que é de certa maneira uma volta a sua visão inicial de restos de grandes culturas – já que por generalização pensa-se logo em povos remotos e no difícil alcance do monumento. A vivência da cidade com a ruína, assim fica comprometida, como é clara na análise de Matos: “É a cidade burguesa a caminhar para a imposição da sua preferência pelo sólido, o duradouro, a conservação ou a reconstrução, em vez da ruína” (2007: 77). Entretanto, também percebemos movimentos contrários, como a própria mudança em torno do conceito de ruína e com a atribuição de novos e diferentes aspectos, como o estético, presente em edifícios novos projetados com aspecto de ruína.

Apesar das ruínas conotarem morte, elas também suscitam força pela resistência e vontade de viver. Afinal, já poderiam ter ruído, mas encontram-se de pé, lutando por um último suspiro. E neste movimento de sobrevivência buscam espaços na cidade em que representam interpretações, leituras e, principalmente, o anseio da preservação – como é o caso das ruínas presentes no Centro Histórico de João Pessoa, recentemente tombado enquanto patrimônio nacional.

O que se percebe no Centro Histórico de João Pessoa é uma convivência passiva com a ruína uma vez que - por falta de ações de restauração – elas acabam que constantes nas ruas

deste espaço de preservação indicando não a importância dos monumentos em si, mas um contexto de falta de ações de uso, apropriação e proteção destes. A partir de informações sobre a presença de 4,7% das edificações em ruínas na Rua General Osório, por exemplo, Maia (2008) coloca que isto “... demonstra falta de interesse dos proprietários e preservarem as antigas edificações, como também a ausência de uma maior intervenção do Instituto do Patrimônio Histórico do Estado da Paraíba ou ainda da fiscalização dos gestores municipais” (Maia, 2008: 07)².

Percebe-se, deste modo, que as ruínas existentes no Centro Histórico possuem diversos usos (comércio, residência, estacionamento, entre outros) e se adequam para a vivência no Centro Histórico em que sua permanência, de fato, se constitui como uma sobrevivência frente a um contexto não favorável. E, nestes suspiros por viver, a cada anúncio de riscos de desabamento ganha-se notoriedade na mídia um esforço pela preservação destas ruínas em que a falta de consolidação estrutural torna-se uma ameaça pública.

Sobre o Centro Histórico, percebemos ao longo dos anos a veiculação de notícias não apenas sobre as dificuldades das ações de revitalização do local, mas também, entre outros, sobre o apelo para imóveis em situação de descaso e abandono, por vezes em estágio tão deprecado que ameaça a segurança pública – como foi o caso de uma edificação da Rua Maciel Pinheiro com interdição por riscos de desmoronamento em 14 de novembro de 2004 em que a rua teve de ser interditada e cujos conflitos de interesses e manifestações foram traçadas ainda em meados de 2004 e início do ano de 2005. Tais conflitos giraram em torno da reivindicação dos comerciantes da rua³ em prol da volta da circulação de transeuntes na mesma (com a reativação dos números de comércio) e críticas quanto ao descaso para com a edificação num debate em que tanto o econômico como o histórico possuem um peso social.

² O estudo aponta a presença de ruínas em uma série de ruas do Centro Histórico que foram prestigiadas na respectiva pesquisa, dentre os quais vale citar: Quatro ruínas de um total de oitenta e sete edificações, ou seja, 4,7 % das edificações da rua General Osório apresentam-se em ruínas; Quatro ruínas de um total de cento e nove edificações da rua Duque de Caxias, que indica 3,7% das edificações em ruínas; Cinco ruínas de um total de cento e treze edificações na Rua das Trincheiras, perfazendo 4,4 % das edificações em ruínas (Maia, 2008: 6-9). Vale também a referência a um grande número de edificações com aspecto deteriorado e abandonado nestas e demais ruas do centro histórico.

³ Em sua maioria a rua é comercial.



Figura 1: Reivindicação de comerciantes pelo bloqueio da Rua Maciel Pinheiro, cuja interdição provocou diminuição de seu comércio local. Ao fundo, a edificação com riscos de desabamento que causou a intervenção na rua. Foto: Jornal O Norte On Line, Novembro 2004.

Frente aos problemas de uso e proteção da edificação, a ruína torna a se configurar como um sobrevivente do tempo, uma enfermidade que se encontra próxima de todos, mas que ninguém olha a não ser quando cai. E, quando o mesmo ocorre, novos sentimentos são postos a tona.

A questão, de fato, envolve a contextualização e inserção deste patrimônio que por serem diferentes despertam diferentes sentimentos, como um elemento vivo da cidade. Uma vez que o espaço urbano por conceituação encontra-se em constante mutação, é função deste passado percebido por edificações e ruínas histórico-culturais compor como parte viva da cidade em seu movimento e vivência.

Enquanto ruínas, as edificações do Centro Histórico de João Pessoa apresentam-se mais como um alerta para a cidade sobre seu passado do que enquanto testemunhas do tempo⁴. A própria função da ruína, neste caso, encontra-se comprometida pela dificuldade do próprio Centro Histórico da cidade de refazer-se enquanto tal a partir do momento em que tais edificações, por vários motivos, são abandonadas e desprovidas de atenções quanto à suas estruturas e usos. E por isso as ruínas oscilam entre um estado ora de edificações fixadas no espaço ora de locais dignos de apelo social e midiático.

O processo de construção do conhecimento histórico por meio do patrimônio histórico-cultural em ruínas elaborado e (re)significado por diversas culturas pode ser mais um pilar para pensarmos a cultura histórica como fonte de informações e de motivação para a preservação da memória de um determinado local. Pois, além de agir como informação histórica sobre o mesmo, também é um importante instrumento de determinação das identidades culturais deste e, portanto, um instrumento de poder. Por apresentarem-se como uma trajetória temporal em que, apesar de o representarem, não mais podem ser o monumento

⁴ Utilizando conceituação proposta por Brandi (2004).

original, as ruínas sobressaem-se por toda uma poética que as configuram, seja enquanto passado, seja enquanto instrumentos simbólicos de luta pela preservação do patrimônio histórico-cultural de modo geral.

As ruínas encontram-se em meio a este contexto amplo de utilização e fruição, emergindo como elementos influentes e significativos nas vivências urbanas e em suas comunidades enquanto espaços do passado – representativamente – e do presente – num esforço constante por sobreviver. São, desta forma, representação e deterioração expressos conjuntamente. É esta dualidade e complexidade que perfazem as ruínas e as identificam na cidade.

Referências

- ABREU, Regina & CHAGAS, Mário (orgs.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. Tradução Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchio/ Zygmunt Bauman*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRANDI, Cesare. *Teoria da Restauração*. Tradução Beatriz Mugayar Kühl. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade/ Editora da UNESP, 2001.
- DESROCHERS, Brigitte. Ruins Revisited: modernist conceptions of heritage. In: *The Journal of Architecture*. Vol. 05. Issue 01. Março 2000. p. 35-46.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Minc/ IPHAN, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 10. ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- JEUDY, Henri-Pierre. *Memórias do social*. Tradução de Márcia Cavalcanti. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1990.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 3. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 1994.
- MATOS, Olga. Notas Soltas sobre a “Descoberta” da arqueologia no século XIX. In: *Práxis Archaeologica*. Nº 02, 2007. p. 75-96.
- MAIA, Doralice Sátiro. *Ruas, casas e sobrados da cidade histórica: entre ruínas e embelezamentos, os antigos e os novos usos*. X Colóquio Internacional de Geocrítica, Barcelona, 2008. Disponível em <<http://www.ub.es/geocrit/-xcol/150.htm>>. Acesso em 07.02.2009.

O NORTE ON LINE. Comerciantes da Rua Maciel Pinheiro fizeram protesto contra interdição. In: *Jornal O Norte On Line*. 23.11.2004. Disponível em: <<http://www.onorte.com.br/noticias/?39330>>. Acesso em 06.02.2009.

O NORTE ON LINE. Comerciantes da Rua Maciel Pinheiro pedem recuperação de prédio. In: *Jornal O Norte On Line*. 20.01.2005. Disponível em: <<http://www.onorte.com.br/noticias/?41800>>. Acesso em 06.02.2009.

O NORTE ON LINE. Maciel Pinheiro e Barão do Triunfo terão áreas isoladas. In: *Jornal O Norte On Line*. 24.11.2004. Disponível em: <<http://www.onorte.com.br/noticias/?39421>>. Acesso em 06.02.2009.

PARAIZO, Mariângela de Andrade. As Cidades Folheadas de Borges e Benjamin. *Interletras*, Dourados -MS, v. 1, n. 5, p. 1-10, 2006.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 2, n. 3, 1999, p. 3-15.

SANTOS, Jeims Duarte. *A nova pátina*: ensaio de uma acepção contemporânea de ruína. In: 15º encontro nacional da ANPAP, 2007, Salvador. Arte: limites e contaminações. Salvador: Edições ANPAP, 2006. v. 1. p. 166-174.